

# **ALUNOS DEFICIENTES VISUAIS EM CURSO SUPERIOR**

Marilza Delpino- Mackenzie

Elcie S. Masini - Mackenzie

## **Resumo**

Esta é uma pesquisa sobre alunos com deficiência visual que estão em cursos superiores, para conhecer deles as facilidades e também as dificuldades que têm encontrado ao cursar a universidade. A análise das situações evidenciou pontos de convergência nas vivências educacionais, tanto naquilo que propiciou abertura de possibilidades do aluno, como naquilo que constituiu limite. Alguns itens divergentes, isto é, que não tiveram concordância entre as entrevistadas, evidenciaram ser importantes para compreender a situação do aluno deficiente visual. Os dados focalizando tanto as convergências como os pontos significativos que cada professora e cada aluna mostrou, assinalaram a necessidade de atentar a eles e considerá-los para preparar a universidade para trabalhar com o aluno com deficiência visual.

## **Abstract**

This is a research with students visual deficiency that are in universities, to know of them the means and also the difficulties that have been finding when studying the university. The analysis of the situations evidenced convergence points in the educational existences, so much in that that propitiated opening of the student's possibilities, as in that that constituted limit. Some items divergentes, that is, that didn't have agreement among the interviewees, they evidenced to be important to understand the situation visual deficient student's. The data focalizing as much the convergences as the significant points that each teacher and each student showed, they marked the need to attempt them and to consider them to prepare the university to work with the student with visual deficiency.

## **INTRODUÇÃO**

Atualmente muito tem se falado sobre a cidadania da pessoa com deficiência visual e seus direitos e deveres para com a sociedade. Ou seja, discute-se questões ligadas ao deficiente visual e à necessidade de que ele ocupe o espaço que lhe compete como cidadão integrado socialmente. Esta integração, no entanto, não é rápida nem fácil, mas, necessária.

Considerando que a universidade é um espaço aberto para todos, cabe perguntar se a estrutura dos cursos e a formação docente estão aptas a atender às diversidades dos discentes. Focalizaremos essa questão no universitário que tem deficiência visual, interesse específico deste estudo.

Antes, porém, de nos voltarmos para a estrutura dos cursos e formação docente, faz-se necessário, primeiramente, pensar nos alunos com deficiências visuais: investigar sua situação no curso que frequentam, conhecer algumas de suas dificuldades e também facilidades que estão encontrando para adquirir o seu diploma universitário e as ferramentas necessárias ao exercício profissional. Desse modo, as seguintes questões norteadoras se fizeram presentes neste estudo: os recursos existentes são apropriados e suficientes para a pessoa com deficiência visual realizar um curso universitário? As condições físicas ambientais são capazes de lhes propiciar a autonomia de locomoção, necessária tanto ao acesso à entrada e saída da Universidade quanto às dependências dos setores de seu uso diário? O aluno com deficiência visual encontra no meio universitário, pessoas que estimulam a sua permanência em seu curso? Se, como deficiente visual pudesse sugerir algo para o melhor aproveitamento de sua experiência universitária, o que teria a dizer?

As nossas indagações neste estudo não se restringiram apenas aos alunos que possuem a deficiência visual, mas também aos professores que passaram a ter a experiência de conviver

com eles semanalmente, tanto em sala de aula como no ambiente universitário, nas mais diversas situações. Deles gostaríamos de saber a experiência, como educador, de ter um aluno com deficiência visual na sua sala de aula e quais os aspectos positivos e ou negativos.

Nesse sentido, buscamos respostas a estas indagações, para que pudesse ser analisado e compreendido o que ocorre com os deficientes visuais e, assim, implementar ações didático-pedagógicas que favoreçam as facilidades de aprendizagem e formação profissional.

O esforço despendido pelas pessoas com deficiência visual pouco a pouco ganha espaço e liberdade de expressão para usufruir os direitos que são inerentes a todas as pessoas humanas. Lentamente, a consciência social se desperta e admite-se a participação dos deficientes na sociedade, algo que até pouco tempo era bastante utópico, pois o deficiente visual, popularmente chamado de “cego ou ceguinho”, era visto como uma pessoa sofredora, um mendigo que vivia a pedir “uma esmolinha pelo amor de Deus”.

Como ilustra Amiralian (1997, p.23), “...muitas e muitas histórias recheiam nossa memória com conceitos, noções e imagens mentais de cegueira, que, na maioria das vezes, refletem muito mais conceitos metafóricos e simbólicos de cegueira do que uma real experiência com pessoas cegas”.

É preciso considerar o aspecto social da falta de visão que implica as atitudes e crenças vindas do imaginário coletivo ao longo da história da humanidade, reeditadas nos mitos familiares que identificam o modo como o cego é visto por aqueles que enxergam e o lugar que ele ocupa no discurso instaurado, quer no âmbito pessoal, quer no social. Ser visto como coitado ou sábio, como o que tem que ser o melhor ou aquele sobre quem paira sempre uma dúvida em relação à sua capacidade, repercutirá sobre o seu caminho de desenvolvimento. Caminho de sujeito cego que vive em um mundo construído pela visão, onde “o ver é sinônimo de conhecer” (Masini, 1994, p. 76) e esse sentido tem um papel central na formação da pessoa.

Em nossa atualidade, as idéias populares e místicas sobre a cegueira ainda permanecem vivas, bem como o estigma e o preconceito. No entanto, nossos conceitos podem passar por grandes transformações à medida que a relação entre pessoas cegas e videntes ocorra com naturalidade e, principalmente, quando a pessoa cega apresenta um convívio saudável nessa integração. Quando isso acontece, já dizia Heimers (1970, p. 63), “deixará de ser ‘cego’, recusando-se a desempenhar o papel de uma pessoa que apela para a misericórdia alheia”, ou seja, quando a pessoa que não faz de sua deficiência visual uma calamidade ou uma necessidade de dependência, ela acaba mostrando ser capaz de desenvolver habilidades que suprem a “misericórdia alheia”. E é através do processo educativo e do trabalho produtivo que o indivíduo se integra na sociedade, revelando suas potencialidades. Mas nenhum programa educativo será completo sem a formação necessária que o prepare para prover a sua subsistência, na medida em que, do aprendizado em bases mais práticas, derive-se a possibilidade de ganhar o próprio sustento.

Para Mazzotta (1994, p. 15),

O reconhecimento e o exercício do direito dos portadores de deficiência à educação é, sem dúvida alguma, tarefa que cabe aos portadores de deficiência, aos pais, aos educadores, aos administradores e aos políticos; em outras palavras, é dever da sociedade, é dever de todos nós.

Assim, como membro de uma sociedade e de uma comunidade universitária, passamos a investigar as publicações existentes sobre o deficiente visual em curso superior. O que foi encontrado na literatura pesquisada, porém, apenas se relacionava à inclusão de deficientes em escolas comuns ou especiais, todas voltadas ao Ensino Fundamental e ao Ensino Médio.

## **OBJETIVO**

Para compreender as questões levantadas, o presente trabalho tem os seguintes objetivos:

### **Geral:**

- Identificar algumas das facilidades e dificuldades encontradas pelo deficiente visual para cursar uma universidade.

### **Específicos:**

- Levantar como o deficiente visual elabora as situações relacionadas à:
  - locomoção;
  - utilização de recursos específicos;
  - sua relação com as pessoas do ambiente universitário (colegas, professores, funcionários, etc...)
- Conhecer do deficiente visual o que ele tem a sugerir para o melhor aproveitamento de sua experiência universitária.
- Saber das professoras que experiência elas adquiriram ministrando aulas para alunas com deficiência visual.

## **METODOLOGIA**

Este estudo foi desenvolvido na Universidade do Sagrado Coração (USC), instituição de ensino superior de Bauru, cidade localizada na região centro-oeste, distante 350 Km da capital do Estado de São Paulo.

Após a definição da problemática de estudo, passou-se à seleção dos participantes da pesquisa.

Como o tema diz respeito a facilidades e dificuldades encontrados pelos alunos com deficiência visual no seu curso superior, foram entrevistadas duas alunas adultas (22 e 43 anos), com visão subnormal e perda de visão total, sem outros comprometimentos associados à cegueira, pertencentes às classes social média e média baixa, matriculadas nos cursos de Pedagogia e Psicologia, respectivamente no 1º e 3º ano. Participaram também duas professoras (45 e 60 anos), com 18 e 40 anos de magistério, que lecionam para os cursos de Psicologia e Pedagogia, respectivamente, e que tiveram contato com essas alunas por pelo menos dois semestres.

A modalidade escolhida para a entrevista foi a semi-estruturada, coerente com uma pesquisa exploratória, descritiva, de abordagem qualitativa. Para a sua realização foram desenvolvidas quatro etapas:

- planejamento, para elaboração das questões e conhecimento da situação atual acerca do tema, definição da problemática específica, seleção dos participantes e estabelecimento de contatos com os mesmos;
- coleta sistemática de dados, realizada por intermédio de registros descritivos dos depoimentos (entrevistas);
- análise dos dados, realizada em dois momentos, o do levantamento de significados e categorização e o do agrupamento em unidades convergentes e divergentes;
- etapa reflexiva e teórica - realizando comentários e discutindo as descobertas em um contexto teórico mais amplo - que direcionou as considerações finais.

## **RESULTADOS**

Consideramos que a metodologia adotada nesta pesquisa, de cunho qualitativo, mostrou-se apropriada para abordar as questões propostas, possibilitando alcançar os seus

objetivos e, inclusive, revelar aspectos que não faziam parte de sua proposta inicial. Os dados analisados propiciaram condições de nos voltarmos para a estrutura dos cursos de formação docente, levantando aspectos importantes para que os estudantes com deficiência visual possam ser incluídos na universidade.

Centrando a atenção nos significados que emergiram das entrevistas, foram identificadas categorias. Estas, evidenciaram convergências e divergências nas colocações feitas pelas participantes e possibilitaram a compreensão de algumas facilidades e dificuldades enfrentadas no dia-a-dia, em um curso superior, por pessoas com deficiência visual.

Percebemos que os avanços tecnológicos são facilitadores e encorajam aqueles que não têm a visão a buscar um curso universitário, porém, segundo as entrevistadas, no nosso campo de estudos esses recursos ainda não são apropriados e nem suficientes, necessitando melhorias. O que ficou bastante evidente neste item foi que, como tais recursos ainda não são satisfatórios na universidade, é muito importante conhecer com antecedência os materiais didáticos que serão utilizados durante o semestre letivo, pois necessitam providenciar que eles sejam transcritos para o braile ou gravados por um leitor. Dessa forma, entendem que os professores deveriam sugerir livros logo no início do semestre para que fossem tomadas as providências cabíveis com disponibilidade de tempo.

Um outro questionamento deste estudo era se as condições físicas/ ambientais da Universidade seriam capazes de propiciar uma autonomia suficiente de locomoção, tanto no acesso à entrada e saída da Universidade quanto às dependências dos setores do uso diário do deficiente visual. Nesse aspecto, as alunas destacaram que existe uma estrutura de locomoção que permite uma auto-suficiência nos deslocamentos, mas são as pessoas (que se colocam a disposição para acompanhar o deficiente visual onde ele precisa ir), é que funcionam, na maioria das vezes, como elementos facilitadores. Ou seja, evidenciou-se também que existe abertura por parte das pessoas para este tipo de ajuda. Assim, embora a universidade seja grande e tenha suas salas muito distantes umas das outras – fator que poderia acarretar uma certa dificuldade na locomoção, restringindo a autonomia das alunas deficientes visuais – o apoio oferecido pelas pessoas ajuda a contornar esse obstáculo.

O aluno com deficiência visual encontra no meio universitário, pessoas que estimulam a sua permanência em seu curso? A resposta para esse questionamento, que também norteou o nosso trabalho, não foi unânime. Aqui percebemos a existência de divergências, ou seja, as alunas relataram que tanto existem alunos e professores que estimulam e que acreditam na disponibilidade e na vontade deste aluno deficiente visual, entendendo que a experiência de vida que ele tem pode ajudá-lo no fortalecimento do seu processo de inclusão escolar, como existem alunos e professores que ironizam a presença do aluno com deficiência visual num curso universitário, não acreditando na sua capacidade de desenvolver habilidades que os auxiliem a superar os obstáculos e realizar um curso superior.

Ainda no que se refere às alunas, é importante salientar aqui que ambas abordaram o preparo dos professores como sugestão primária para um melhor aproveitamento de sua experiência universitária, ressaltando que o professor especializado é de fundamental importância no auxílio das atividades universitárias e na sua inclusão efetiva.

Com relação aos monitores, as sugestões foram que os mesmos tivessem mais disponibilidade de horários e que recebessem treinamento para não serem tão protetores, no sentido de querer oferecer tudo pronto ao aluno deficiente visual.

E, por fim, destacaram também a necessidade de que todos da Universidade recebessem uma orientação pedagógica, que poderia ser oferecida pela união dos cursos de Pedagogia e Psicologia, sobre como tratar o aluno com deficiência visual.

O relato das professoras assinalaram que elas viveram uma experiência extremamente rica, tendo a oportunidade de rever situações nas quais os aspectos positivos estiveram presentes e que lhes deram prazer de mencioná-los, como também – uma atitude muito humana de quem têm muito a aprender para poder ensinar um aluno com deficiência visual – relatar os aspectos considerados como negativos.

Apesar da preocupação e receio de ter em sala de aula uma aluna com deficiência visual, as professoras destacaram que a experiência foi muito boa e que alguns pontos lhes chamaram muito a atenção.

Quanto aos aspectos positivos mencionados pelas professoras, é importante ressaltar que ambas focaram que conviver com as alunas deficientes foi para elas uma oportunidade de rever o seu próprio despreparo e investir, sobretudo, na preparação de uma aula que contemple tanto o aluno vidente quanto o aluno deficiente visual, além de realizarem novas aprendizagens com esses momentos. A falta de preparo do professor em ministrar aulas para uma aluna deficiente visual e a dificuldade em preparar os demais alunos da classe para um relacionamento maduro e sem preconceitos com a aluna deficiente visual, foram aspectos apontados como negativos e que merecem atenção especial.

No contato com as professoras também foi possível identificar algumas sugestões de projetos futuros, como por exemplo, estudar o processo de aprendizagem do deficiente visual. Sem dúvida, os questionamentos feitos pelas professoras a respeito desse assunto, poderão nortear outros estudos que, com certeza, contribuirão para o tema inclusão e integração do deficiente visual no meio acadêmico, especialmente o universitário, que foi nossa preocupação nessa pesquisa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os depoimentos tomados para essa pesquisa foram, em nosso entendimento, importantíssimos para destacar que a inclusão do deficiente visual na universidade perpassa por questões extremamente delicadas, que superam em muito as questões meramente físicas – como um ambiente adequado para sua locomoção – ou tecnológicas, como ter à disposição recursos facilitadores da aprendizagem, como por exemplo, computador, programas de viva-voz, transcrição para o braille etc. O cerne de toda questão reside especialmente na maneira como o deficiente é visto e tratado, evidenciando-se que ele quer ser tratado como um cidadão com direitos, deveres e potencialidades, como qualquer outra pessoa.

Acreditamos que esse trabalho trouxe, com os seus resultados, uma luz que pode orientar-nos a todos os docentes, a estarmos mais preparados para desenvolver as atividades acadêmicas, tendo em sala de aula um aluno com deficiência visual. Uma luz que pode iluminar a questão sobre a igualdade de oportunidades para as pessoas com deficiência, assegurando-lhes ser parte integrante do sistema educativo, pois todos têm o direito fundamental à educação e devem ter a oportunidade de conseguir e manter um nível aceitável de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Deficiente visual; Facilidades; Dificuldades.

## **BIBLIOGRAFIA:**

- AMIRALIAN, M. L. T. M. *Compreendendo o cego: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- HEIMERS, W. *Como devo educar meu filho cego?* Um guia para a educação de crianças cegas e de visão prejudicada. São Paulo: s.n., 1970.
- MASINI, E. F. S. *O perceber e o relacionar-se do deficiente visual: orientando professores especializados*. Brasília: CORDE, 1994.
- MAZZOTTA, M. J. S. Direito do portador de Deficiência à Educação. *Revista Integração*, ano 5, n.11, p. 14, set. 1994.

Marilza Delpino  
E-mail: mdelpino@usc.br

Elcie S. Masini  
E-mail: delcie@mackenzie.com.br